

# Boa Nova para cada dia / Janeiro 2015

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

António Santana, s.j. (Domingos e Dias Santos)

**Tempo do Natal** – Santa Maria, Mãe de Deus / Epifania do Senhor / Batismo do Senhor

**Tempo Comum**

## Qui, 1 – SANTA MARIA, MÃE DE DEUS (Solenidade)

Num 6, 22-27 / Slm 66 (67) 2-3.5.6.8 / Gal 4, 4-7 / Lc 2, 16-21

«Ano Novo, vida nova!», costuma dizer-se neste dia. Terminado o ano de 2014, entramos agora em 2015 com a esperança de uma vida mais serena e despreocupada. Na verdade, o que pode fazer a diferença no nosso dia-a-dia não é tanto o deixar de ter problemas, mas o viver centrado no essencial. Por isso, oito dias depois de festejarmos o nascimento do Deus Menino nas palhinhas de Belém, celebramos a Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus. O primeiro dia do ano civil é também o Dia Mundial da Paz, convite a que rezemos pela concórdia e união entre todos os povos.

Neste dia, somos desafiados a olhar para a figura de Maria como modelo da nossa vida cristã. Ao receber a missão de ser a Mãe de Deus, Maria permite a Jesus, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, fazer-Se um de nós. Com o seu «Sim!», diz-nos que é preciso estarmos também disponíveis para colaborar na obra da construção do Reino de Deus. O Evan-

gelho de São Lucas dá-nos um dos momentos da interiorização desta missão, recordando os pastores que se dirigem apressadamente para Belém, onde encontraram Maria, José e o Menino deitado na manjedoura. A Mãe observa todos estes acontecimentos, «meditando-os no seu coração», enquanto os pastores glorificam a Deus por tudo o que vêem e ouvem. Maria contempla como a boa-notícia chega, em primeiro lugar, aos pastores – os pobres e marginalizados – que «apressadamente» se dispõem a ir ao encontro do Salvador. Todos se maravilhavam com a fragilidade daquela criança envolta em panos, verdadeiro homem e verdadeiro Deus, totalmente dependente dos cuidados maternos para sobreviver. Pequenininho, Jesus deseja ser acolhido por quem vem por bem, independentemente da raça, povo ou cultura. Diante desta cena, não conseguimos ficar indiferentes. Também nós somos interpelados a perceber os sinais

do Salvador no acontecer da nossa vida. O Príncipe da Paz está aí para nos trazer a alegria de uma vida renovada.

A Epístola de São Paulo aos Gálatas completa o quadro, lembrando que «Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher, para nos tornar seus filhos adotivos». Pelo baptismo, somos filhos de Deus em Jesus Cristo e somos ainda herdeiros do Reino por graça de Deus. No Ano Novo que agora começa não estamos sozinhos, temos Deus connosco – o Emanuel – a conduzir-nos à casa do Pai. Talvez o segredo do sucesso deste Ano possa estar no espaço que podemos dar a

Deus para Se meter na nossa vida, nos nossos sonhos e projectos, mas também nas dificuldades e contradições que estamos a viver.

Há que pedir a bênção de Deus para 2015! Façamos nossas as palavras do Livro dos Números, que nos traz a primeira leitura: «O Senhor te abençoe e te proteja. O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face e te seja favorável. O Senhor volte para ti os seus olhos e te conceda a paz». Tudo o que vivemos é dom do amor do Deus que vem estabelecer uma aliança connosco, que está ao nosso lado todos os dias do ano, oferecendo-nos uma vida mais plena e com sentido.

## **Sex, 2 – S. BASÍLIO MAGNO E S. GREGÓRIO NAZIANZENO (Memória)** **1ª SEXTA-FEIRA**

1 Jo 2, 22-28 / Slm 97 (98), 1.2-3ab.3cd-4 / Jo 1, 19-28

*Eu sou a voz que clama no deserto. (Evangelho)*

A frase da citação faz parecer que João Baptista «clamava coisas» a que ninguém dava atenção. Isto também nos acontece. Já me aconteceu andar muito em baixo, dizerem-me bom dia, saber-me muito bem mas não responder. Nunca sabemos o efeito que a nossa bondade tem nos outros porque nem sempre temos uma reacção. Leitor, não desista. Hoje, na sua oração, peça forças para ser sempre bom.

## **Sáb, 3 – TEMPO DO NATAL** **1º SÁBADO**

1 Jo 2, 29 – 3, 6 / Slm 97 (98), 1.3cd-4.5-6 / Jo 1, 29-34

*E somo-lo de facto (filhos de Deus). (1ª Leitura)*

O leitor sabe que é filho de Deus. Mas tem essa consciência viva? Em que é que isso vai influenciar este ano que agora começa? Primeiro, que ideia tem de Deus? Quem é o Deus que o leitor tem no seu

interior, o Deus com quem contacta dia a dia? Que características tem? Hoje, o leitor medite e veja se descobre outra característica deste Deus que é seu Pai. Também Lhe pode perguntar...

## **Dom, 4 – EPIFANIA DO SENHOR (Solenidade)**

Is 60, 1-6 / Slm 71 (72) 2.7-8.10-13 / Ef 3, 2-3a.5-6 / Mt 2, 1-12

Ao começar o novo ano, somos convidados a celebrar a Solenidade da Epifania do Senhor. A origem desta celebração litúrgica remonta ao século IV e ao Oriente cristão, onde a manifestação do Senhor compreendia três etapas distintas do início da vida de Jesus: a adoração dos Magos, o baptismo de Jesus e as Bodas de Caná. Com o tempo, cada um destes momentos adquiriu um lugar próprio na liturgia, permanecendo aqui o encontro do Reis Magos com o Menino do Presépio de Belém.

Deus foi-Se revelando através da história de Israel, anunciando a Luz que viria iluminar todos os povos. A profecia anunciada no Livro de Isaías canta a Jerusalém celeste, para a qual caminham todos os povos ao encontro da salvação, e diz: «Levanta-te e resplandece, Jerusalém. As nações caminharão à tua luz, e os reis ao esplendor da tua aurora. Olha ao teu redor e vê: todos se reúnem e vêm ao teu encontro; os teus filhos vão chegar de longe trazendo ouro e incenso e proclamando as glórias do Senhor». Na imagem da Jerusalém cantada pelo profeta, encontramos a Igreja que leva

a luz de Cristo a todos os povos da terra. Como nos colocamos na Igreja? Sentimo-nos parte da comunidade ou estamos como meros observadores externos, sem nos comprometermos verdadeiramente? É na medida em que frequentamos os Sacramentos – a Eucaristia e a Reconciliação – que nasce em nós o desejo de fazer parte da obra de Cristo, como elementos empenhados na sua construção.

São Paulo, na Epístola aos Efésios, acrescenta alguns elementos que, com a referência ao ouro e ao incenso do texto de Isaías, nos aproximam da figura dos Magos: «os gentios recebem a mesma herança que os judeus, pertencem ao mesmo corpo e participam da mesma promessa, em Cristo Jesus, por meio do Evangelho». Aqueles que vêm de longe também têm lugar na casa de Deus. As nossas comunidades eclesiais devem ser marcadas pela universalidade, não podem colocar barreiras ao anúncio do Evangelho nem condicioná-lo a um grupo de privilegiados. Será assim, nos nossos lugares?

O Evangelho de São Mateus traz-nos, então, a narração do

encontro dos reis Magos com Jesus. Sublinha-se a confiança e a fé destes estrangeiros, atentos aos sinais que os levam a Belém, nos textos dos profetas e na estrela que os guia. O rei Herodes mostra-se desconfiado e procura informações mais precisas, mas de nada lhe serve o poder temporal. Do mesmo modo, nas nossas vidas, há sempre uma estrela que nos guia para Deus e um Herodes que nos tenta desviar do caminho. É preciso aprender a arte

do discernimento para distinguir as duas vias. Temos de seguir os Magos para vermos Cristo, aprendendo a ir com eles à casa do Menino. Metamo-nos a caminho de Belém num familiar distante que podemos visitar, num amigo doente a confortar, num vizinho que vive sozinho. E levemos os nossos presentes, dando do que temos a quem tem necessidade. Então, também nós seremos parte desta história de Salvação.

## **Seg, 5 – TEMPO DO NATAL**

1 Jo 3, 22 – 4, 6 / Slm 2, 7-8.10-11 / Mt 4, 12-17.23-25

*Arrependei-vos, porque está próximo o Reino dos Céus. (Evangelho)*

De alguma maneira, o Reino dos Céus já está entre nós. Já está entre nós, em construção. «Onde dois ou três se reúnem, Eu estou no meio deles». Onde Jesus está, está o Reino. Daí que seja urgente percebermos de que é que nos temos que arrepender. Não para ficarmos acabrunhados, mas para substituímos esse hábito por outro. (A maneira de combatermos um pecado não é tanto aplicarmo-nos em deixar de o fazer como substituí-lo por uma coisa positiva.) Hoje, o leitor reze sobre que pecado gostava de substituir e por quê.

## **Ter, 6 – TEMPO DO NATAL**

1 Jo 4, 7-10 / Slm 71 (72), 2.3-4ab.7-8 / Mc 6, 34-44

*Ele (...) salvará os indigentes. (Salmo)*

Os indigentes somos nós. Indigentes, de uma pobreza completa quando sem Deus, e a precisar de sermos salvos. Deus gosta dos humildes e dos indigentes. São os que estão mais preparados para receber porque são os que não têm nada. O leitor já reparou que todas as aparições de Nossa Senhora são feitas a pessoas muito humildes e, normalmente, pessoas muito novas? Porque será? Se quer que Deus o salve, torne-se indigente.

## **Qua, 7 – TEMPO DO NATAL**

1 Jo 4, 11-18 / Slm 71 (72), 2.10-11.12-13 / Mc 6, 45-52

*Todos se encheram de espanto, porque o seu coração estava endurecido. (Evangelho)*

Todos nós temos o coração (um bocado) endurecido. Às vezes, é o cansaço que nos endurece o coração. O nosso coração cansado não nos permite ver Jesus à nossa volta, ver manifestações de Jesus nos outros. Quando estamos muito cansados, estamos muito virados sobre nós. Um bom antídoto é agradecermos tudo o que de bom temos. O leitor podia fazer isso hoje...

## **Qui, 8 – TEMPO DO NATAL**

1 Jo 4, 19 – 5, 4 / Slm 71 (72), 2.14-15bc.17 / Lc 4, 14-22a

*A sua fama propagou-se por toda a região (...) e era elogiado por todos. (Evangelho)*

Como é que o leitor lida com a fama? Se calhar, não tem uma fama muito grande, mas há-de ter a sua reputação. E o que é que lhe proponho? Que peça a Jesus que esteja consigo quando pensar na sua reputação. Tanto se pode sentir acabrunhado como muito contente (ou normal). Seja como for, Jesus é sempre uma boa companhia. Hoje, dê a mão a Jesus e pense no que os homens dizem (dirão) de si.

## **Sex, 9 – TEMPO DO NATAL**

1 Jo 5, 5-13 / Slm 147, 12-13.14-15.19-20 / Lc 5, 12-16

*Jesus costumava retirar-Se em lugares desertos para orar. (Evangelho)*

Para que Deus Se manifeste em nós, também temos que nos retirar para lugares desertos. Se quisermos deixar entrar um amigo na nossa sala não a podemos ter tão atafalhada que ele não caiba lá. Com Deus é a mesma coisa. Se não tivermos algum deserto, se não O quisermos ouvir, (ver?), Ele não entra. O leitor costuma fazer esse deserto? Costuma dar espaço a Deus para Deus Se manifestar ou, na sua oração, é só o leitor que se manifesta?

## **Sáb, 10 – TEMPO DO NATAL**

1 Jo 5, 14-21 / Slm 149, 1-2.3-4.5-6a e 9b / Jo 3, 22-30

*... foi Jesus com os seus discípulos... (Evangelho)*

Querido leitor, hoje não lhe vou escrever sobre o que li mas sobre o que pensei ler, que foi: «foi com Jesus um dos seus discípulos». Ora o que eu lhe proponho é que hoje deixe Jesus seguir à sua frente e veja como é que Jesus cumprimenta as pessoas por quem o leitor hoje passa? Como é que Jesus trata essas pessoas? Como é que Jesus lhes fala? Sei bem que uma coisa destas é impossível de fazer durante todo o dia. Mas talvez o possa fazer duas ou três vezes. (Ponha um lembrete no telemóvel...)

## **Dom, 11 – BAPTISMO DO SENHOR (Festa) – Ano B**

Is 55, 1-11 / Is 12, 2-3.4bcd.5-6 / 1 Jo 5, 1-9 / Mc 1, 7-11

A festa do Baptismo do Senhor, que hoje celebramos, insere-se em três grandes epifanias ou manifestações da divindade de Jesus. A primeira acontece no Natal, com a manifestação do Deus encarnado ao povo escolhido, na imagem dos pastores; depois, a manifestação da chegada do Messias aos povos estrangeiros, longe da história de Israel, simbolizados nos reis Magos; agora, encontramos a manifestação de Jesus como o Filho de Deus muito amado, no momento do Baptismo por João, nas margens do rio Jordão.

Para se entender o que estamos a celebrar, temos de começar pela raiz etimológica da palavra: «baptismo» é um substantivo que deriva do verbo grego *baptizein*, que significa literalmente «mergulho». É isto que nos é apresentado no relato do baptismo de Jesus, que hoje nos chega pela versão do Evangelista São Marcos. O ponto de partida é a pregação de João e o seu baptismo de arrependimento e perdão dos pecados. Este mergu-

lho provocava um esforço de conversão moral para preparar a vinda do Messias, que traria consigo um outro mergulho muito mais completo: «Eu baptizo na água, mas Ele baptizar-vos-á no Espírito Santo». Quando Jesus Se aproxima e imerge nas águas diante de João, transforma o ritual do mergulho numa nova realidade: rasgam-se os céus, coroa-se o Filho pelo Espírito Santo – manifestado sob a forma de uma pomba – e ouve-se a voz do Pai que proclama a sua filiação divina: «Tu és o meu Filho muito amado, em Ti pus toda a minha complacência». Jesus coloca-Se na fila dos pecadores para que, pela água, a humanidade possa ser baptizada no Espírito. Assim, mergulha na condição humana frágil, vulnerável e tentada a viver longe de Deus, para a recriar a partir de dentro, à sua imagem e semelhança.

Depois do Pentecostes, o baptismo dos crentes pela Igreja fá-los incorporarem-se na comunidade cristã como filhos de Deus. Bem



"Batismo de Jesus" (Centro Alenti)  
Igreja de Santa Maria Mãe da Igreja  
Sarragoça, Espanha (Dezembro 2011)

sabemos que as dificuldades da vida se mantêm depois do baptismo e que a tentação em trocar a relação com Deus por falsos ídolos – o dinheiro, o prazer, o sucesso e o poder – não se anula. Neste sentido, a Primeira Epístola de São João recorda que a fidelidade ao «amor de Deus consiste em guardar os seus mandamentos». Mas se o caminho da vida com Deus pode ser quebrado, também pode sempre recomeçar pela conversão interior e pelo Sacramento da Reconciliação. Neste processo de avanços e recuos, são sempre actuais as palavras de

Deus pela boca do profeta Isaías que lemos na primeira leitura: «Todos vós que tendes sede, vinde à nascente das águas. Vós que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei. Prestai-Me ouvidos e vinde a Mim, escutai-me e vivereis».

Como avalio a minha vida cristã, o meu mergulho numa vida que me assemelha mais a Jesus? De que forma dou testemunho de ser filho(a) de Deus? E há quanto tempo não procuro um sacerdote para me reconciliar com Deus, para renovar as minhas promessas baptismais?

## **Seg, 12 – SEMANA I DO TEMPO COMUM**

Hebr 1, 1-6 / Slm 96 (97), 1 e 2b.6 e 7c.9 / Mc 1, 14-20

*Cumpriu-se o tempo... (Evangelho)*

Cumpriu-se o tempo, quer dizer, veio O que estava para vir. E veio para o leitor. O leitor tem um encontro pessoal com Ele. Pessoal quer dizer que é só seu. E com Cristo, o filho de Deus, Aquele que nos vem revelar o Pai, que nos vem revelar que vamos ser perdoados. Imagine todas as pessoas que viveram antes de Cristo e que viram esta promessa cumprida dentro deles. Hoje, o leitor celebre o facto de ter Cristo no coração. Agradeça-Lhe, cante-Lhe, se quiser. Tenha alguma manifestação excepcional, saia do vulgar.

## **Ter, 13 – SEMANA I DO TEMPO COMUM**

Hebr 2, 5-12 / Slm 8, 2a e 5.6-7.8-9 / Mc 1, 21-28

*O espírito impuro, agitando-o violentamente, soltou um forte grito e saiu dele. (Evangelho)*

Às vezes, os espíritos impuros soltam fortes gritos para saírem de nós. Os pecados estão de tal maneira colados a nós que parece que se nos arranca a pele ao tentarmos distanciar-nos deles. Mas, em vez de arrancarmos a pele, podemos pôr pele boa onde estava aquela a que



o pecado estava agarrado. O pecado tem que ser substituído por algo positivo, não pode ser extraído a troco de nada. Meditemos nisso.

## **Qua, 14 – SEMANA I DO TEMPO COMUM**

Hebr 2, 14-18 / Slm 104 (105), 1-2.3-4.6-7.8-9 / Mc 1, 29-39

*Já depois do sol-posto trouxeram-Lhe todos doentes e possessos e a cidade inteira ficou reunida diante da sua porta. (Evangelho)*

(Registemos que já foi depois do pôr-do-sol.) Algumas vezes, havia de se sentir sufocado com tanto trabalho. (Não confundamos o facto de Jesus não ter pecado com uma serenidade inumana. Jesus era plenamente homem.) Hoje, o leitor pergunte a Jesus como é que Ele lidava com a sensação de estar afundado em trabalho. Peça-Lhe ajuda e conforto para situações como essas.

## **Qui, 15 – SEMANA I DO TEMPO COMUM**

Hebr 3, 7-14 / Slm 94 (95), 6-7.8-9.10-11 / Mc 1, 40-45

*Veio ter com Jesus um leproso. (Evangelho)*

Para se perceber bem esta cena é preciso ter em conta que os leprosos viviam isolados, longe da sociedade e que, portanto, um leproso, para se aproximar de Jesus, teve que romper com numerosas barreiras mentais. É o que nos tem que acontecer com os nossos pecados que têm lepra. Temos que os tirar do tuguório e, com muita desfaçatez, trazê-los a Jesus para que Ele deite a sua graça sobre eles e os transforme num futuro brilhante.

## **Sex, 16 – SEMANA I DO TEMPO COMUM**

Hebr 4, 1-5.11 / Slm 77 (78), 3 e 4bc.6c-7.8 / Mc 2, 1-12

*Trouxeram-lhe um paralítico, transportado por quatro homens. (Evangelho)*

Não sabemos que é que aconteceu aos quatro homens depois da cura. Mas não é difícil imaginar que tivessem ficado todos contentes. Assim deve ser também a nossa atitude. Transportar alguém até perto de Cristo e ficar contente com o efeito desse «transporte». Quem é que temos que levar até Cristo? Às vezes, basta que seja nas nossas orações. E às vezes temos que pedir ajuda a outros «três». Será este o caso do leitor, hoje?

## **Sáb, 17 – SANTO ANTÃO (Memória)**

Hebr 4, 12-16 / Slm 18 B (19 B), 8.9.10.15 / Mc 2, 13-17

[Jesus] começou a ensinar a todos. (Evangelho)

Hoje, propunha ao leitor que rezasse pela Igreja, pela sua capacidade de ensinar a todos (os católicos.) Às vezes, tenho a impressão que não fazemos um esforço suficientemente grande por ensinar a todos, que nos contentamos em nos fazermos entender só por alguns, que a nossa mensagem não chega a algumas camadas... Seja qual for a opinião do leitor, pode sempre rezar por esta intenção: que a Igreja ensine cada vez mais a todos.

## **Dom, 18 – DOMINGO II DO TEMPO COMUM – Ano B**

1 Sam 3, 3b-10.19 / Slm 39 (40), 2.4ab.7-8a.8b-9.10-11 / 1 Cor 6, 13c-15a.17-20 / Jo 1, 35-42

Terminado o período de Natal, entramos no tempo litúrgico chamado “comum”. Ao longo do ano, somos convidados a acompanhar Jesus no dia-a-dia da sua vida pública para que, seguindo-O de perto, possamos cada vez mais amá-Lo e servi-Lo. Como mote a este caminho que iniciamos, a liturgia recorda-nos que Deus está constantemente a chamar-nos a uma vida nova.

A primeira leitura narra-nos a história do chamamento à vocação profética de Samuel. Por três vezes o Senhor o chama pelo nome, mas Samuel não sabe que é Deus. Por isso, responde simplesmente «Aqui estou» e dirige-se ao sacerdote Heli, que o ajuda a interpretar os sinais de Deus. Então, diz Samuel: «Falai, Senhor, que o vosso servo escuta». Os elementos fundamentais desta

narração identificam a iniciativa de Deus, a relação pessoal e a intercessão de outros homens: Samuel é escolhido por Deus, é chamado pelo nome e descobre a sua vocação a partir da sabedoria de Heli.

O Evangelho de São João traz-nos uma narração semelhante: João Baptista conduz os discípulos a Jesus que, por sua vez, tomara a iniciativa de ir àquele lugar. À interpelação que os discípulos lhe fazem sobre o lugar da sua morada, Jesus responde apenas: «Vinde ver», como quem não se impõe à liberdade de cada um, mas convida a uma vida nova. Por sua vez, André serve também de ponte para que o seu irmão Simão conheça o Mestre. No final, o pescador da Galileia descobre-se numa nova vocação que o torna muito mais completo: «“Tu és Si-

mão, filho de João. Chamar-te-ás Cefas” – que quer dizer ‘Pedro’».

Entre a história de Samuel e o encontro de Jesus com os discípulos identifica-se o nosso percurso de fé. Conhecemos o mistério de Deus pelos nossos pais e catequistas, pela Palavra lida e comentada em cada celebração eucarística, pelos acontecimentos da vida e pela oração. Deus não cessa de nos chamar a uma relação, mas isto não basta se não estamos atentos e disponíveis em seguir Jesus em projectos concretos. Vale a pena parar um pouco e rever a nossa própria história com Deus, as pessoas que nos levaram a Ele, a forma como foi conduzindo a nossa vida para O conhecermos melhor, as vezes em que conse-

guimos responder em liberdade ao seu apelo e as tantas outras que lhe dissemos “Não!”. Samuel tornou-se profeta, Simão tornou-se Pedra da Igreja; e nós, em que nos temos vindo a transformar como cristãos?

Por fim, a Primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios traz-nos o convite a viver de forma coerente com o chamamento que Deus nos faz. Somos templo do Espírito Santo e, por isso, como diz o Apóstolo, temos de glorificar a Deus também com o nosso corpo. Somos um todo completo que nos identifica e estrutura. É esse todo, constituído de corpo e alma, que se deve colocar na atitude de disponibilidade de quem repete sem cessar: «Falai, Senhor, que o vosso servo escuta».

## **Seg, 19 – SEMANA II DO TEMPO COMUM**

Hebr 5, 1-10 / Slm 109 (110), 1.2.3.4 / Mc 2, 18-22

*Os discípulos de João e os fariseus guardavam o jejum. (Evangelho)*

E os discípulos de Jesus não. Muito provavelmente porque Jesus também não guardava o jejum. (Não se está a ver Jesus guardar o jejum e os discípulos não.) O jejum é um meio para um fim. O leitor jejua? Ou faz sacrifícios? Faz aquele tipo de sacrifícios «por amor a Nosso Senhor». E para que é que lhe servem? Com eles fica a amar mais a Deus? Medite para que é que os seus sacrifícios servem.

## **Ter, 20 – SEMANA II DO TEMPO COMUM**

Hebr 6, 10-20 / Slm 110 (111), 1-2.4-5.9-10 / Mc 2, 23-28

*O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado. (Evangelho)*

Quantas leis nós cumprimos só porque são leis. Ou não?... Às vezes, até leis impostas por nós a nós próprios. É tempo de arejar as ideias.

O leitor veja que «leis» é que cumpre mecanicamente, quais as que precisam de ser refrescadas, mudadas, extintas. Medite sobre isso, reze sobre isso, peça a Jesus inspiração para isso.

## **Qua, 21 – SANTA INÊS (Memória)**

Hebr 7, 1-3.15-17 / Slm 109 (110), 1.2.3.4 / Mc 3, 1-6

*Estava um homem com uma das mãos atrofiada. (Evangelho)*

É quando não temos uma coisa que lhe damos mais valor. Neste caso, era uma mão. Aquele doente tinha uma mão atrofiada. E o leitor, o que é que tem atrofiado no seu espírito? O que é que tem que vir cá para fora e desabrochar? Ou o que é que tem, no seu espírito, que tem que ser «desatrofiado» por Jesus? Faça uma introspecção de mãos dadas com uma das pessoas da Santíssima Trindade e peça a Jesus a sua cura.

## **Qui, 22 – SEMANA II DO TEMPO COMUM**

Hebr 7, 25 – 8, 6 / Slm 39 (40), 7-8a.8b-9.10.17; Mc 3, 7-12

*Retirou-Se ... e acompanhou-O uma numerosa multidão. (Evangelho)*

As multidões não davam descanso a Jesus. Jesus, agora, já não está numa posição em que tenhamos de ter pena d'Ele. Agora, Jesus não Se cansa, é um espírito puro. Então o leitor aproveite esse facto para não deixar Jesus descansar. Incomode-O, abane-O, chame-O, converse com Ele. Sobre quê? Sobre o que o leitor quiser. Se não tiver tema, diga-Lhe isso: «Ó Jesus, não sei sobre o que é que havemos de conversar» e veja o que acontece.

## **Sex, 23 – SEMANA II DO TEMPO COMUM**

Hebr 8, 6-13 / Slm 84 (85), 8 e 10.11-12.13-14 / Mc 3, 13-19

*E Judas Iscariotes, que depois O traiu... (Evangelho)*

Hoje, peçamos a graça de não trair Jesus. O pecado é uma traição, uma traição ao estado de graça em que vivemos. Com o pecado, esse estado de graça fica quebrado e é refeito pela misericórdia de Deus e pelo nosso arrependimento. Mas muito melhor é que ele não se quebre, não se rompa e que nós andemos de graça em graça maior. Peçamos a Deus esse dom, o dom de crescermos em graça tal como Jesus quando estava a crescer.

## **Sáb, 24 – S. FRANCISCO DE SALES (Memória)**

Hebr 9, 2-3.11-14 / Slm 46 (47), 2-3.6-7.5-9 / Mc 3, 20-21

*Está fora de Si. (Evangelho)*

Parece que os parentes de Jesus entendiam que «chegar tanta gente e não terem tempo para comer» era sinónimo de Jesus não estar no seu juízo perfeito. Seja como for, os parentes de Jesus estavam assustados com a sua pregação e foram ter com Ele. O mesmo nos pode acontecer: termos uma intuição divina – uma intuição que nos vem de Deus – e que é mal interpretada pela nossa família/amigos. Cabe-nos ser firmes e estar seguros da origem dessa intuição. Peçamos essa firmeza e esse discernimento.

## **Dom, 25 – DOMINGO III DO TEMPO COMUM – Ano B**

Jon 3, 1-5.10 / Slm 24 (25), 4bc-5ab.6-7bc.8-9 / 1 Cor 7, 29-31 / Mc 1, 14-20

«O Reino de Deus está próximo. Converti-vos!» é a chave deste Domingo III do Tempo Comum. Semanalmente, juntamo-nos para celebrar o Dia do Senhor, o mistério da Redenção que nos centra na Pessoa e na obra de Jesus Cristo. O tempo não pára e é urgente meter mão à obra, quanto antes, na transformação do nosso coração!

A primeira leitura traz-nos um excerto da Profecia de Jonas, enviado por Deus a proclamar a conversão da cidade de Nínive: «Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive e apregoa nela a mensagem que Eu te direi. Daqui a quarenta dias, Nínive será destruída». Jonas levantou-se, foi a Nínive, a população acreditou em Deus e converteu-se. Os seus habitantes proclamaram um jejum e o Senhor desistiu do castigo com que os ameaçara. «Levanta-

-te e vai; acredita e converte-te», são palavras que Jesus nos continua a dizer. Vivemos muitas vezes paralisados e curvados sobre nós próprios, fechados à graça de Deus e àqueles que nos rodeiam, preocupados com o nosso mundo e os nossos interesses. É preciso sair deste círculo vicioso, levantando os olhos para Deus, disponíveis para caminhar ao seu encontro com confiança.

São Paulo, na Primeira Epístola aos Coríntios acrescenta mais um dado: «o tempo é breve e o cenário deste mundo é passageiro». Estamos sempre a adiar as grandes decisões para um amanhã que nunca vem, uma confissão bem feita diante de um sacerdote que me traga o perdão de Deus, uma frequência mais séria e participativa na Eucaristia, a visita a um familiar doente ou

a um amigo distante. «O tempo é breve» e pode não haver uma segunda oportunidade. A que me interpela esta expressão do Apóstolo dos Gentios?

O Evangelho segundo São Marcos, que nos vais acompanhar ao longo dos domingos deste Ano Litúrgico, traz-nos o início da vida pública de Jesus. Depois do baptismo no Jordão e da prisão do primo João, Jesus partiu para a Galileia e começou a proclamar o Evangelho de Deus, dizendo: «Cumpriu-se o tempo e está próximo o Reino de Deus. Arrependei-vos e acreditai no Evangelho». Então, caminhando junto ao mar da Galileia, viu Simão e o seu irmão André, Tiago e o seu irmão João, filhos de Zebedeu, a quem convidou a uma vida nova. Imediatamente deixaram o barco e as

redes de pesca e seguiram Jesus. O convite feito a estes homens pescadores continua a fazer-se a cada um de nós. Jesus vem meter-Se na nossa vida, na nossa família e nas nossas ocupações, para nos transformar a partir de dentro em colaboradores do Reino do Pai. Em que medida O sinto presente no meu dia-a-dia? Consigo sentir a voz que soletra o meu nome para dizer: «Vem comigo!».

Deus não nos abandona e está sempre disposto a esquecer-Se das vezes que nos desviamos do seu caminho. Cantemos, por isso, com o salmista o cântico de perdão e de súplica, para que Deus nos conduza pelos seus caminhos: «Mostrai-me, Senhor, os vossos caminhos. Guiai-me na vossa verdade e ensinaí-me, porque Vós sois Deus, meu Salvador».

## **Seg, 26 – S. TIMÓTEO E S. TITO (Memória)**

Heb 9, 15.24-28 / Slm 97 (98), 1-6 / Mc 3, 22-30

*É pelo chefe dos demónios que Ele expulsa os demónios. (Evangelho)*

A nossa tendência para julgarmos o que está por trás das intenções dos outros, algumas vezes torna os nossos pensamentos impuros, em vez de deixar as acções das pessoas fluírem no nosso coração e estarmos abertos à acção do Espírito Santo nos nossos irmãos. Porque é dos nossos irmãos que se trata. Hoje falemos com Deus sobre a pureza do nosso coração.

## **Ter, 27 – SEMANA III DO TEMPO COMUM**

Hebr 10, 1-10 / Slm 39 (40), 2 e 4ab.7-8a.10-11 / Mc 3, 31-35

*Esse é meu irmão, minha irmã e minha Mãe. (Evangelho)*

Devemos ser irmão, irmã, mesmo Mãe de Jesus. Mesmo Mãe? Sim, protegê-Lo. Devemos proteger o amor que Jesus é. (Deus é amor.) E devemos mostrá-Lo – falar d’Ele, dar testemunho d’Ele – como uma Mãe orgulhosa do seu menino. E temos que nos dar com Ele, com amor, como os irmãos, e vê-Lo também dentro dos nossos irmãos. Assim melhor O amaremos e melhor amaremos os nossos irmãos.

## **Qua, 28 – s. TOMÁS DE AQUINO (Memória)**

Hebr 10, 11-18 / Slm 109 (110), 1-4 / Mc 4, 1-20

*Veio o sol e como não tinha raiz secou. (Evangelho)*

O problema não foi o sol, foi não ter raiz. Podíamos pensar que a culpa tinha sido do sol que secou a plantinha, mas foi da falta de raiz. A semente tinha caído em terreno pedregoso e não tinha criado raiz. E sem raiz estava sujeita às vicissitudes da intempérie. O leitor tem raiz? Em quê?

## **Qui, 29 – SEMANA III DO TEMPO COMUM**

Hebr 10, 19-25 / Slm 23 (24), 1-2.3-4ab.5-6 / Mc 4, 21-25

*Quem traz uma lâmpada para a pôr debaixo do alqueire? (Evangelho)*

Jesus quer dizer que ninguém arranja uma lâmpada para não a usar, mas isso não nos acontecerá às vezes? Será que, às vezes, não teremos que alumiar? Ou teremos sempre coisas de que nos orgulhamos? Ou, por vezes, é precisamente por termos agarrado na lâmpada que percebemos que é melhor não pôr muita luz neste ou naquele sítio. Peçamos a graça de ter uma boa lâmpada.

## **Sex, 30 – SEMANA III DO TEMPO COMUM**

Hebr 10, 32-39 / Slm 36 (37), 3-4.5-6.23-24.39-40 / Mc 4, 26-34

*Enquanto a semente germina e cresce. (Evangelho)*

A semente germina dentro de nós. Às vezes, primeiro temos uma visão na nossa cabeça, depois essa visão tem que chegar ao coração. Outras vezes temos uma visão no nosso coração e é a cabeça que lhe tem que dar forma. De qualquer maneira, a semente tem que germinar e crescer até dar fruto. Não pode ser puxada, não pode ser posta a

render precipitadamente. Peçamos a Nossa Senhora que a acompanhe dentro de nós. (Que semente? O leitor é que sabe.)

## **Sáb, 31 – s. JOÃO BOSCO (Memória)**

Hebr 11, 1-2.8-19 / Lc 1, 69-70.71-72.73-75 / Mc 4, 35-41

*Até o vento e o mar Lhe obedecem. (Evangelho)*

Com fé em Jesus não há tempestade que resista. Pode é demorar um bocado mais do que esta do Evangelho de hoje, que acabou assim que os discípulos deram por ela. Mas é a fé que nos segura. E ao mesmo tempo vem a relação com Cristo. Era o que Cristo queria que se tivesse passado na barca. Que os discípulos tivessem tido fé, que essa fé tivesse sido suficiente para acalmar os seus nervos agitados, isso baseado na relação que já tinham com Ele. Peçamos a Jesus que nos dê uma fé à prova de tempestades.